

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SANTANA, Maria Olívia . Maria Olívia Santana (depoimento, 2005). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 10min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre SOUTH EXCHANGE PROGRAMME FOR RESEARCH ON THE HISTORY OF DEVELOPMENT (SEPHIS) . É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Maria Olívia Santana  
(depoimento, 2005)**

Rio de Janeiro

2020

## *Ficha Técnica*

**Tipo de entrevista:** Temática

**Entrevistador(es):** Amilcar Araujo Pereira; Verena Alberti;

**Levantamento de dados:** Amilcar Araujo Pereira;

**Pesquisa e elaboração do roteiro:** Amilcar Araujo Pereira; Verena Alberti;

**Técnico de gravação:** Clodomir Oliveira Gomes; Marco Dreer Buarque;

**Local:** Brasília - DF - Brasil;

**Data:** 01/07/2005

**Duração:** 1h 10min

Arquivo digital - vídeo: 2; Fita cassete: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto "História do Movimento Negro no Brasil", desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o South-South Exchange Programme for Research on the History of Development (Sephis), sediado na Holanda, a partir de setembro de 2003. A pesquisa tem como objetivo a constituição de um acervo de entrevistas com os principais líderes do movimento negro brasileiro. Em 2004 passou a integrar o projeto "Direitos e cidadania", apoiado pelo Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex) do Ministério da Ciência e Tecnologia. As entrevistas subsidiaram a elaboração do livro "Histórias do movimento negro no Brasil - depoimentos ao CPDOC." Verena Alberti e Amilcar Araujo Pereira (orgs.). Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007. A escolha da entrevistada se justificou por seu papel destacado no movimento negro da Bahia, especialmente na Unegro.

**Temas:** Arte; Atividade profissional; Bahia; Discriminação racial; Educação; Ensino; Ensino superior; Família; Inclusão social; Magistério; Militância política; Movimento estudantil; Movimento negro; Movimentos sociais; Música; Partido Comunista do Brasil - PCdoB; Pedagogia; Racismo; Religiões afro-brasileiras; Trabalhismo; Universidade Federal da Bahia;

## *Sumário*

*Entrevista: 01.07.2005*

Fita 1-A: Origem; o trabalho da mãe como empregada doméstica aos nove anos; a infância, os estudos e o primeiro trabalho como servente em uma escola aos 14 anos; o desejo de ser professora; a difícil experiência no primeiro emprego e a mudança de trabalho para uma outra escola, agora como merendeira; o vestibular e a aprovação em Pedagogia na Universidade Federal da Bahia; a difícil escolha de largar o emprego para fazer a faculdade; o primeiro emprego como professora na rede particular, trabalhando com educação alternativa e inclusiva; a experiência com arte e educação na escola e instituto cultural Via Magia; o racismo dos pais de alunos na hora da matrícula, que não a reconheciam como coordenadora pedagógica; a abordagem da questão racial nos espaços de trabalho da entrevistada; a influência do bairro Alto do Canjira, da ialorixá Mãe Feliciano, do movimento black power e do reggae na formação da entrevistada; a participação em movimentos estudantis e o debate racial na academia; a criação da União de Negros pela Igualdade (Unegro), em 1988, e a necessidade de um entendimento que articulasse gênero, raça e classe.

Fita 1-B: A eleição da entrevistada para a presidência da Unegro, em 1994, e o projeto de nacionalização; comentários sobre o grupo fundador da Unegro; a construção do movimento Brasil outros 500, em 2000, e a união com outros movimentos sociais; a repressão policial ao movimento; a participação da entrevistada, à frente da Unegro, na III Conferência Mundial contra o Racismo, organizada pela ONU; comentários sobre a importância do movimento negro na reconstrução da humanidade do negro; comentários sobre a atuação como vereadora em Salvador; a atuação como secretária de Educação do município de Salvador; os primeiros contatos da entrevistada com o grupo fundador da Unegro e o início do movimento; a articulação e formação da Juventude Negra Universitária dentro da Universidade Federal da Bahia (Ufba).

Fita 2-A: O discurso pela unidade do movimento negro proferido pela entrevistada no Seminário Nacional de Universitários Negros (Senum); a contribuição na eleição do único diretor negro para a Faculdade de Educação da Ufba, o professor José Oliveira Arapiraca; a inclusão da pauta racial nos partidos políticos, sobretudo no partido da entrevistada, o Partido Comunista do Brasil (PC do B).

*Entrevista: 01.07.2005*

Verena Alberti – A gente procurou mostrar um pouquinho aqui como é que funciona o nosso trabalho, e queríamos pedir que você Olívia primeiro nos relatasse o seu nome completo. É isso mesmo?

Maria Olívia Santana – Maria Olívia Santana.

V.A. – E a gente gostaria de começar assim do nascimento, onde você nasceu, quando, a sua casa, quem eram os seus pais e um pouco saber a sua formação, como é que você chegou a esse movimento negro, quer dizer, um pouco acompanhar a sua trajetória. Você nasceu aonde?

O.S. – Eu nasci em Salvador.

V.A. – Quando?

O.S. – Nasci em Salvador na Invasão de Ondina em 1966.

V.A. – Invasão de Ondina por quê?

O.S. – É uma favela. Hoje a gente chama de ocupação, mas naquela época era uma favela. É uma favela de maré, e sou filha de uma empregada doméstica.

V.A. – Como é o nome da sua mãe?

O.S. – Maria José Santana, analfabeta, não teve oportunidade de estudo. Minha mãe nasceu em Jequiçá, que é uma cidade no interior da Bahia. Começou a trabalhar aos nove anos de idade. Então ela perdeu toda a família dela, não tem noção de...

V.A. – Das origens.

O.S. – É, das origens na verdade.

V.A. – Porque ela saiu, foi tirada de casa aos nove anos, digamos assim?

O.S. – Exatamente. E depois também, o que sobrou da família depois da morte do pai e da mãe, os irmãos ela não tem noção de para onde migraram. Mas enfim, foi trabalhar em Salvador, trabalhou em muitas casas e em uma das casas ela conheceu meu pai.

V.A. – Que era?

O.S. – Era marceneiro da casa.

V.A. – Qual é o nome dele?

O.S. – Era uma família muito rica que eles trabalhavam, de um político de lá da Bahia. Meu pai era Manoel Ricardo Santana.

V.A. – E qual era a família, de qual político? Você sabe dizer?

O.S. – [Dinei Ferreira]<sup>1</sup>. Um político de direita lá da Bahia. Enfim, naquela época era muito comum os políticos batizarem crianças aos montes como forma de conseguir votos, fazer campanha. E eu sou uma delas. Fui batizada por ele. Alguém com quem eu não tenho hoje nenhuma identidade ideológica [incompreensível]. Mas enfim, minha mãe me criou sozinha, meu pai tinha outra família e ela criou a mim, criou uma irmã também, um irmão. E enfim, eu cresci sendo cuidada pela minha irmã mais velha. E ela saía, trancava as duas filhas mulheres dentro de casa e saía para trabalhar, e entregava a Deus. Sempre rezava todos os dias antes de ir trabalhar porque era a única alternativa. Conversava sempre muito com a gente, de não mexer no fogo, de não abrir a porta para ninguém, mas a gente sempre fugia, e sabia o horário dela voltar e a gente voltava para casa antes dela voltar.

V.A. – Fugia para onde?

---

<sup>1</sup> O mais próximo que se pôde ouvir.

O.S. – Para brincar na rua, para ver as pessoas. Eu era muito conhecida no bairro. Os vizinhos tomavam conta também, de alguma forma, da gente, das meninas. E minha mãe era muito rigorosa na formação e certamente porque éramos mulheres, uma casa somente de mulheres, não tinha marido e, portanto, ela tinha muito medo do que podia acontecer conosco. Mas sempre fez muita questão de que a gente estudasse. Eu consegui estudar em escolas públicas, a minha vida inteira estudei em escolas públicas. A minha irmã só fez o primário mesmo, depois se casou teve muitos filhos, mas eu não. Eu continuei estudando e quando fiz 14 anos ela me deu a notícia de que não tinha mais condições de continuar se consumindo trabalhando para sustentar a gente, que eu precisava trabalhar também porque eu era mais ajuizada embora fosse a caçula. E eu fui trabalhar com 14 anos de idade. Então eu fui trabalhar em uma escolinha e ela estava assim animada porque a escola pagava salário mínimo. Então eu ia ter um salário mínimo completo de gratificação, e trabalhava o dia todo e estudava à noite agora. Para mim foi muito difícil no começo trabalhar e estudar porque a perda dos amigos, eu estudava durante o dia, e de repente essa mudança brusca, mas enfim, encaramos isso e nunca mais parei de trabalhar também.

V.A. – O que você fazia na escolinha?

O.S. – Eu era servente, fazia a limpeza da escola e sempre quis ser professora. Desde que eu tinha 12 anos de idade eu decidi que seria professora. Achava bonita a profissão e minha mãe, embora fosse analfabeta por nunca ter ido à escola, mas ela aprendeu sozinha a conhecer as letras, e ela me ensinava a cartilha do ABC e tomava a lição em casa, falava assim, e era a alternativa de formação que eu tinha. Então sempre prezei muito pelos estudos. E felizmente eu consegui fazer o primário, fazer o ensino médio e o ginásio, o segundo grau da época, mas depois eu resolvi tentar o vestibular. E foi interessante isso, porque eu fiz um plano de vida que era exatamente fazer o vestibular. Eu me dei um prazo de cinco anos para ficar tentando todos os anos fazer o vestibular e passar. Se eu não conseguisse eu procuraria fazer uma outra coisa, ter uma outra formação mais técnica que me desse condição de ter um emprego diferente. Eu não queria lavar chão e limpar vaso sanitário todos os dias. Sabia que não era aquilo, embora fizesse com zelo. Nunca fui demitida.

V.A. – Trabalhou nessa escolinha?

O.S. – Trabalhei dois anos nessa escolinha, depois eu fui convidada por uma amiga para ser merendeira em uma outra escola, que já era uma função um pouco melhor. E aí eu fui para essa outra escola, e realmente o tratamento era diferente. A primeira experiência que eu tive foi uma experiência muito dura, foi uma experiência de subjugação, de humilhação, o nosso trabalho era estendido à casa da proprietária da escola. Então a gente acabava assumindo, eu digo a gente porque éramos as serventes da escola, muitas vezes tinham que assumir o trabalho de ficar pegando a filha da diretora, de cuidar dos filhos dela, enfim, uma situação arbitrária e também muito humilhante pela maneira como nós éramos tratadas. E tinha uma professora que sempre me reconheceu bem, a qualidade do trabalho que eu fazia e ela conseguiu um outro emprego em outra escola. E eu também tinha essa função de limpar a casa, mas eu vendia merenda na cantina da escola e depois eu ia e fazia a limpeza da escola, mas era uma carga de trabalho diferente da outra e era uma relação um pouco mais respeitosa. Mas também ainda não era o que eu queria para mim. Então eu usava o horário de almoço, que na outra escola eu não tinha, mas nessa eu tinha uma hora de almoço, e eu estudava muito no módulo da filha da dona da escola que fez pré-vestibular. Então ela me emprestou os módulos e eu ficava estudando. E aconteceu. Realmente eu não esperava de fazer a minha primeira experiência no vestibular da Ufba... Uma amiga minha, eu era espírita na época, e minha colega, uma pessoa que eu prezo muito, ela foi fazer a minha inscrição no vestibular porque eu não tinha tempo de sair do trabalho e ir fazer. Então ela preencheu tudo, me ajudou muito e fez a minha inscrição. E eu fiz o vestibular. E no dia que saiu o resultado foi engraçado porque eu fui comprar o jornal para saber se ela tinha passado, porque essa amiga já tinha uma formação, ela era química e queria fazer Pedagogia. E eu fiz o vestibular para Artes Plásticas e Pedagogia como segunda opção, exatamente porque eu achava que era mais difícil passar para Pedagogia. Achava que era mais fácil passar para Artes Plásticas porque eu desenhava, as pessoas gostavam dos meus desenhos e eu achava que era experiente para passar no vestibular. Mas aconteceu que quando eu comprei o jornal fiquei muito... Aliás não, minto: eu soube que tinha saído o resultado do vestibular e eu liguei para essa amiga assim com a certeza que ela tinha passado. Aí, quando eu liguei, eu disse: “Parabéns. Já sei que você passou, não precisa nem comprar jornal”. E ela falou: “Parabéns para você também! Que bacana a gente ter passado...” Eu falei: “Como? Mas eu não passei, não devo ter passado”. Ela falou: “É claro que você passou, seu nome está no

jornal”. Eu disse: “Deve ter tido algum engano”. Passou, não passou... Eu sei que eu saí super ansiosa por uma banca de revistas, comprei o jornal e estava lá o meu nome. E não é que era verdade? Então foi uma festa assim, uma alegria muito grande. Foi a primeira grande conquista, na verdade, da minha vida ter passado no vestibular da Universidade Federal da Bahia.

V.A. – E foi para Pedagogia ou para Artes Plásticas?

O.S – Foi para Pedagogia. [riso] Eu não passei para Artes Plásticas. Aí foi assim, as pessoas no trabalho não acreditaram que eu tinha passado. E aí em um primeiro momento todo mundo fez a maior festa, celebrou, me deu parabéns e tal. E depois a dona da escola mandou me chamar na sala dela e falou: “Parabéns por ter passado, mas você sabe que na universidade pública os horários não são compatíveis com o seu trabalho aqui. Então você vai ter que escolher. Ou você vai cursar o vestibular, se você fez para valer ou não: não sei. Mas você tem que dizer porque nós temos que nos preparar, porque se você tiver que sair nós vamos ter que arrumar uma outra pessoa para botar no seu lugar”. Mas eu disse: “Não tem uma outra forma de eu ficar e cursar a universidade ao mesmo tempo?” Ela disse que não, que eu não podia porque eu trabalhava o dia todo. Então foi duro, muito duro ter que escolher entre a sobrevivência e a universidade. Quando eu cheguei em casa e dei a notícia, minha mãe também falou: “Pôxa, que bom que você passou. Mas esse negócio de faculdade você sabe que não é para a gente, não é? Passou, mas não dá para ficar somente estudando, não é? Então tira esse negócio da cabeça e vamos trabalhar porque a gente tem que se manter do trabalho que você realiza”. Então foi assim uma ducha fria na verdade. E eu tive que tomar uma decisão muito solitária de fazer a faculdade. E tomei esta decisão, decidi que eu ia cursar a universidade. E minha mãe ficou em um primeiro momento muito chateada comigo. Então eu recebi um presente, ter passado no vestibular, e foi exatamente uma aflição e um apelo muito grande da minha mãe que eu não deixasse o trabalho para cursar a universidade, porque aquilo era coisa de gente rica, de gente que tinha uma outra condição social. Mas eu fiz, e realmente o pagamento do aluguel do quarto que a gente morava era feito com o meu trabalho. Então na verdade eu entendo a minha mãe, hoje com o distanciamento dá para a gente poder ter um outro olhar sobre o que aconteceu na época, não é? Então ela ficou um mês “de mau” comigo porque eu decidi fazer a faculdade. E eu fiz e consegui um emprego depois em uma escolinha comunitária e eu ganhava um quarto do salário mínimo. Então o valor que eu ganhava dava exclusivamente para pagar o aluguel. Então a gente



não ia ficar sem casa. Então eu fiquei trabalhando nessa escola também dois anos, eu ia para a faculdade a pé, voltava de ônibus, escolhia entre uma coisa ou outra. E foi com muito esforço, muita luta que eu consegui, depois de dois anos cursando a universidade, eu consegui meu primeiro emprego de professora na rede particular. Aí eu saí da escolinha comunitária que eu trabalhava e tive uma proposta de um salário que eram dois salários mínimos. Então era uma coisa assim fantástica! Era um avanço enorme. E aí eu cheguei em casa com a notícia e minha mãe ficou super feliz porque a gente já estava em uma situação um pouco melhor em relacionamento. Então eu nunca mais parei também. Eu trabalhei com ensino de Arte, com educação alternativa, com educação especial, eu trabalhava com crianças altistas, crianças com síndrome de Down, com diversas dificuldades de aprendizagem, mas consegui ter um desempenho bacana. Fiquei cinco anos trabalhando nessa escola, depois saí de lá por um convite. Aí fui trabalhar no Liceu de Artes e Ofícios com uma experiência de educação pelo trabalho, que também foi muito boa. Depois eu pedi demissão do Liceu porque tive um desentendimento lá na casa e resolvi sair por conta própria. E já em seguida fui trabalhar em uma outra experiência que foi a casa Via Magia. É um instituto cultural e é também uma escola, uma escola que tem 20 anos. É uma experiência bem bacana: uma escola que não tem farda, uma escola de arte e educação.

V.A. – Mas é uma escola normal?

O.S. – É uma escola regular, mas com uma experiência pedagógica de arte e educação. Entrei lá como estagiária, depois virei professora já no primeiro ano e depois eu me tornei coordenadora pedagógica da escola. E era interessante, como as pessoas não me conheciam, queriam matricular seus filhos e era marcada assim... eu tenho uma experiência bem emblemática nesse sentido, e aí, uma pessoa foi lá para matricular a filha, um casal e marcou um horário com a coordenadora pedagógica da escola. Aí, quando eu fui atendê-los, a secretária chamou e falou: “A coordenadora já pode atendê-los, por favor”. Aí eu saí e disse: “Vamos?” Aí o casal não se mexeu. Eu disse: “Vamos fazer a entrevista?” E ela falou: “Deve haver algum engano. Nós estamos aguardando a coordenadora pedagógica”. Eu disse: “Tudo bem”. Aí entrei na sala e fiquei um tempão lá. Aí a secretária voltou e falou: “Vocês ainda não entraram?” Ela falou: “Não, é que a coordenadora ainda não...” Ela falou: “Mas a coordenadora está aqui, está na sala dela”. E era eu, e a mulher ficou toda desconcertada, falou: “Não imaginava...” Eu

disse: “Não imaginava o quê?” Ela falou: “Não, eu imaginava uma outra pessoa”. Eu falei: “Que tipo de pessoa?” Eu fiquei o tempo inteiro questionando ela. E ela não conseguia dizer que ela não imaginava que a coordenadora da escola era uma educadora negra. E como essa tem uma série...

Amilcar Araújo Pereira – É uma escola de classe média?

O.S. – Era uma escola de classe média, exatamente. Então eu era exceção mais uma vez. Mas, enfim, eu sempre abordei a questão racial em todos os espaços de trabalho na minha vida profissional, exatamente porque a minha trajetória de vida, a segregação que eu vivi tinha um aspecto racial muito pesado. Eu lembro quando eu ia, as vezes que eu ia acompanhar a minha mãe no emprego doméstico e que os porteiros dos prédios diziam: “Olha, esse brinquedo aí você não pode usar”. Então eu era amiga da filha da patroa, mas eu não podia usar os mesmos brinquedos que ela usava no pátio do prédio, no *playground* do prédio. Então isso era muito marcado porque a discriminação, portanto, racial e dali à condição econômica, mas o racial sempre determinante do meu estado de segregação econômica que eu vivia.

E eu queria pular um pouquinho para a trajetória na universidade, porque quando eu entrei na universidade, logo no primeiro ano, eu sempre... como eu vivia em um bairro popular, eu lembro da época do *black power* e a gente ouvia muito reggae, e era uma coisa muito forte. Era no bairro do Alto do Canjira, era um bairro muito pobre. Até hoje é assim, mas os negros do bairro, isso é interessante: o bairro era de uma família negra que tinha um terreiro de candomblé. Então a ialorixá era praticamente dona de todo o bairro. Então todas as casas de aluguel eram dela. E ela tinha um poder muito forte, era impressionante Mãe Feliciano. Quando ela aparecia todo mundo reverenciava, tinha um respeito muito grande à imagem dela. E ela conseguia manter uma estrutura social no bairro que era impressionante. Enquanto ela esteve viva o índice de violência no bairro era muito menor. As festas que aconteciam no barracão, porque tinham as festas religiosas, mas também o barracão era espaço de agregação social. Então tinha as noites de reggae no barracão, e na época do movimento *black power* que eu ia falar, na década de 1970, eu era pequena e minha irmã tinha um *black* enorme super bonito. E aí todo mundo descia para ir, o grande lance era participar das noites de reggae que aconteciam alguns finais de semana, principalmente nos sábados. Então eu era louca para ir e minha mãe não deixava. Mas de lá de casa dava para ouvir a música e durante o dia a gente fazia, as

crianças menores, fazia também as nossas próprias festas, e a gente se inspirava muito nos jovens. Portanto a gente ouvia muito o Bob Marley, Jimi Cliff, Peter Tosh. Então houve uma influência muito grande nesse sentido. E como eu sempre tive características muito fortes, minha irmã é negra, mas os traços dela são traços mais semelhantes aos traços de brancos. O nariz é mais fino, os lábios também, então tem um conjunto, ela era tida como uma das meninas mais bonitas do bairro. E eu era tida como uma das meninas mais feias do bairro. [riso] Exatamente porque tenho a testa larga, porque tenho o nariz largo, tenho lábios grossos, a boca muito grande. Então eu tinha apelidos assim também muito duros na escola. Então eu sofria muito pela minha condição de negra. Então não tive tempo de ter dúvida se eu era negra ou se não era. Tive essa condição: o cabelo pixaim, minha mãe fazia trança nagô na gente... Mas eu estava falando do que é que significou para a minha vida ter vivido também em um bairro como foi o Alto do Canjira para a afirmação da minha identidade. Isso determinou também uma situação, e ter convivido com Mãe Feliciano, ter convivido com o terreiro, embora minha família seja uma família espírita, de tradição espírita, a própria ialorixá dizia isso para Maria José, que é minha mãe: “Você não adianta vir para o terreiro porque você não é de terreiro. E terreiro é coisa que quando se entra não se deve sair. Então é melhor você procurar um centro espírita para se cuidar lá”. E minha mãe entrou no espiritismo por orientação de uma ialorixá, interessante. E a gente ia todos os domingos também para o centro espírita. Enfim, mas nunca perdemos o laço de respeito com os terreiros de candomblé. Então mãe Feliciano teve uma influência muito grande nessa minha formação identitária. E quando eu chego na universidade, eu cheguei deslumbrada, eu cheguei com a determinação de que ia extrair da universidade o que ela tinha de melhor para me dar. Então eu participei de movimento estudantil...

V.A. – Quando você entrou?

O.S. – Eu entrei em 1987.

A.P. – Com quantos anos?

O.S. – Eu entrei com 21 anos. Então, quando eu entrei na universidade eu fui do diretório acadêmico. Quando eu entrei na faculdade, o curso de Pedagogia estava com o DA fechado. Os DAs, os diretórios acadêmicos estavam fechados. Eu e outras pessoas, a gente reabriu o

DA. Eu fui presidente do diretório acadêmico de Pedagogia por duas vezes, depois eu fui secretária de Cultura do DCE da Ufba e fui fundadora de um grupo de jovens negros, era a Juventude Negra. E a gente se reunia no passeio da Biblioteca Central dos Barris, além dos encontros que tínhamos na universidade, mas todo sábado nós nos reuníamos na Biblioteca Central dos Barris. É a biblioteca pública da cidade, do estado. Então éramos eu, Jadir, Valdo Lumumba, era Célia, pessoas que hoje estão no movimento e que estão dando uma grande contribuição na formação teórica do movimento negro. Célia é professora hoje da Faculdade Visconde de Cairú, Jadir me parece que está em São Paulo ou Rio de Janeiro, também é professor, fez Direito; a [Maíse]<sup>2</sup> é pedagoga também, tem um trabalho muito bacana nessa área da questão racial na Pedagogia. E nós, isso foi o embrião do Senun, que fez o Encontro Nacional de Universitários Negros. Eu lembro que na década de 80, no final da década de 80, foi em 89... não, 88, melhor dizendo, foi o ano que a Unegro, que é a entidade que eu sou militante foi fundada, e naquele ano eu fui secretária de Cultura do DCE e nós fizemos a Semana Abolição em Questão, que era questionando os cem anos da abolição. Não existia uma cultura de debate sobre a temática racial na universidade. Nós fizemos uma programação de uma semana de discussão na Ufba e eu me lembro que eu pinteí com as minhas mãos o pano de abertura da semana. E foi um investimento enorme que foi feito para esse seminário. E na abertura do seminário [incompreensível] pessoas da Unegro, do MNU, do Olodum, o Olodum emprestou também materiais para esse evento. O professor Clóvis Moura, saudoso Clóvis Moura foi fazer a abertura, mas não tinha público. Os estudantes universitários não se sensibilizaram com o chamado. Então nós tivemos que reduzir de uma semana para dois dias o evento. Mas não desistimos. Fizemos o debate.

V.A. – Isso foi quando? Em 88?

O.S. – Isso foi em 88, exatamente. Em 88 no mês de maio, essa Semana Abolição em Questão. Mas isso não serviu para que eu recuasse. Muito pelo contrário. Daí a gente passou a construir esse grupo de jovens, discutir, depois veio o Senun, o Encontro Nacional de Universitários Negros. E aí a disputa política também se instalou, aí já era o MNU, a Unegro e tantas outras entidades também do movimento negro que deram uma contribuição fundamental para o debate

---

<sup>2</sup> O mais próximo do que se pôde ouvir.

sobre a Academia e a exclusão brutal racial que existe no pensamento intelectual brasileiro, ou na intelectualidade brasileira. E eu fico olhando a trajetória, depois veio a Steve Biko, que foi uma grande organização que se reunia inicialmente no DCE da Ufba, que depois, hoje é essa grande referência nacional de formação de jovens negros para entrar na universidade.

A.P. – Você participou da Steve Biko?

O.S. – Não, eu nunca fui da direção da Steve Biko, mas a Steve Biko, quando se criou, eles se reuniam exatamente na sede do DCE da Ufba, e era interessante a discussão sobre a necessidade de ter um curso pré-vestibular para negros. Depois a Juventude Negra se diluiu porque cada um foi para um segmento. Aí a Unegro já estava mais consolidada como organização. A Unegro surgiu em 88, foi criada em 1988.

V.A. – Conta um pouquinho dessa criação. Você participou diretamente?

O.S. – Participei da criação da Unegro. A gente tinha um entendimento político de que a luta antirracista no Brasil precisava partir de um entendimento que articulasse gênero, raça e classe, que esse fosse o principal foco teórico para a organização do negro e da negra brasileira. Então nós temos essa referência que é a matriz da formação da nossa organização. Então tinham várias entidades do movimento negro, mas nós resolvemos criar uma entidade que tivesse essa concepção política de que a análise da realidade não poderia se dar apenas considerando, exclusivamente, melhor dizendo, a questão racial. Essa questão é uma questão fundamental, que justifica a luta antirracista, mas não poderia se resumir a um aspecto da realidade. Mas que isso tinha que estar articulado com a visão de classe e uma visão das relações de gênero, porque qualquer projeto de superação de racismo no Brasil teria que estar conjugado com a superação também de outras formas de opressão que justificam essa hierarquia racial, social e de gênero que fundamenta a estrutura social brasileira. Então isso foi a razão da criação...

[FINAL DA FITA 1 – A]

O.S. – ...Dois presidentes e eu fui a primeira presidente mulher lá em Salvador. Foi em 94. 94 eu fui eleita presidente da Unegro e nós tínhamos um projeto de nacionalização mesmo da

Unegro. A Unegro surge em Salvador, mas depois ela é fundada também em São Paulo, depois ela vai para o Rio Grande do Sul também, depois em Minas Gerais, no Rio de Janeiro, enfim, ela foi se nacionalizando com esta concepção política.

V.A. – Quem fazia parte desse grupo que fundou a Unegro em 88?

O.S. – Em 88 os principais nomes foram Antônio...

V.A. – Se você puder dar o sobrenome...

O.S. – Antônio dos Santos, que era uma pessoa que tinha uma... ele era muito obstinado, foi muito obstinado na criação da Unegro e foi uma das pessoas que mais articulou outras pessoas negras que pudessem bancar essa concepção política. O Leo Ornelas também, o nome dele é Eliomar Ornelas, Cida Santos, Maria Aparecida Santos de lá de Salvador... Ela foi inclusive a primeira coordenadora da Comissão de Mulheres da Unegro, a Cida. E teve também o Leo, Nivaldino, Cida... Eu era nova, eu não era tão experiente assim. Eu participei da Comissão de Educação, mas não era a principal pessoa da Unegro naquele momento. Realmente participei da fundação, mas as grandes lideranças da Unegro realmente naquele momento foram o Antônio, o Leo, o Nivaldino Félix e a Cida, era esse núcleo, era o embriãozinho que foi crescendo e se consolidando. Hoje a Unegro é uma organização que é uma referência nacional. Fizemos grandes ações nacionais, a marcha a Brasília nos 300 anos de Zumbi; o Encontro Continental dos Povos Negros das Américas contou com a nossa participação; o Brasil outros 500, e aí eu já era realmente da executiva nacional da Unegro. Em 2000 nós tivemos uma ação destacadíssima na construção daquele movimento Brasil outros 500. E nós fizemos uma grande marcha a Porto Seguro, uma aliança indígena-negra e popular, portanto juntando os movimentos sociais, e nós temos essa ideia de que o movimento negro tem que ter a condução da luta antirracista, tem que estar realmente sob a direção das entidades do movimento negro, mas nós temos que dialogar com outros movimentos, com outros elementos oprimidos para cada vez mais também fortalecer e conscientizar esses outros movimentos sobre a justiça da luta antirracista no Brasil. Então no movimento Brasil outros 500 nós sofremos aquela violência brutal que houve em Porto Seguro, e eu lembro que a gente virava noites arquitetando como seria aquela ação, que foi uma ação que acabou embotando aquele projeto que o governo

brasileiro tinha, Fernando Henrique, de fazer aquela celebração como se estivesse tudo bem, tudo resolvido entre negros, brancos e indígenas. E nós tiramos a máscara da democracia racial e fizemos uma grande marcha, uma marcha que foi reprimida duramente pela violência policial, bombardeio... Existe um vídeo que é o vídeo *Uma bomba, um relógio e outros 500*, que tem um depoimento meu nesse vídeo exatamente no calor da luta. Enfim, nós fomos a Durban em 2001, a Unegro também teve uma participação destacada na III Conferência Mundial contra o Racismo. Eu fui uma das oradoras na Conferência. Fomos eu, o Nogueira de lá do Rio Grande do Sul e a... do Pará, do Cedempa...

A.P. – A Zélia?

O.S. – A Zélia, exatamente. Fomos nós três que fizemos a fala no Fórum oficial da ONU, na III Conferência Mundial Contra o Racismo, denunciando a estrutura racista que ainda predomina no Brasil, e, portanto, dando ciência ao mundo de que nós ainda não acertamos conta com a história, que o Estado brasileiro ainda não acertou contas com a história. Então foi outro momento muito importante e emocionante para mim. Eu nunca imaginei que um dia eu pudesse ser oradora em uma conferência mundial, considerando a trajetória de vida que eu tenho, que vivi boa parte da minha infância, da minha adolescência e da minha juventude dormindo em cima de uma cama que era uma tábua com quatro latas de tinta amparando aquela tábua. Portanto, o movimento negro é um movimento que contribui muito com a reconstrução da humanidade do negro. Com todas as nossas contradições, as nossas diferenças internas, mas nós reinventamos o negro brasileiro. Então acessar esses outros lugares que nós estamos acessando é algo assim muito bonito, porque nós não estamos apenas plantando para as novas gerações. Nós estamos conseguindo responder, em alguma medida, para a gente do nosso tempo também. Eu sou vereadora lá em Salvador e fui eleita pela minha militância na luta antirracista. Eu fui candidata pela primeira vez nas eleições de 2000, fui candidata a vereadora e era assim a candidata da Unegro. Foi a primeira vez que a Unegro tinha uma candidatura para apresentar. E eu me tornei militante a partir da minha militância nessa entidade. Nunca pertenci a nenhuma outra organização, sempre fui da Unegro, e a gente pegou a experiência assim com muita unidade. Nós partimos para as eleições sem nada, sem estrutura econômica. Eu fui candidata pelo PC do B, pelo Partido Comunista do Brasil. Eu sou comunista, me afirmo também dessa maneira. E foi interessante porque a minha base é a base da militância

antirracista, então nós assumimos isso e meu comitê daquela campanha em 2000 era composto de militantes da Unegro e dos Sem Teto, das pessoas que não tinham onde passar a noite. E foi interessante porque nós fizemos uma luta muito grande também em defesa de moradia, mas não era um grande movimento dos Sem Teto, organizado. Não era isso. Eram grupos pequenos mesmo, de pessoas que moravam na rua e que nós atraímos e que participamos em algum momento da luta em defesa de moradia para aquelas pessoas, invadimos até alguns espaços. Mas não era um movimento ainda sólido como o que existe hoje em Salvador, já um Movimento dos Sem Teto que tem cara própria, tem voz própria. Era uma coisa ainda meio embrionária, e esse pessoal vestiu realmente a camisa. Eu lembro que eles passavam a noite cortando papelão, colando a minha foto no papelão, e a gente tinha uma escada e saía colando as fotos nos postes da cidade, porque não tinha grana para fazer *banner*, para fazer um material mais sofisticado. E essa eleição, nessa campanha com todas essas dificuldades, eu tive 5150 votos e fiquei na terceira suplência para vereadora. Depois eu fui candidata em 2002 a deputada estadual, tive 18000 votos. Para as condições novamente de campanha, fiquei também na suplência como deputada estadual em 2002, mas logo em seguida eu assumi o mandato de vereadora como suplente e exerci durante dois anos na Câmara o mandato de vereadora. E parecia que já tinha não sei quanto tempo de mandato. As pessoas passavam a nos identificar dessa forma porque rapidamente nós imprimimos uma marca na Câmara Municipal de Salvador, que foi trazer com muita força o debate da luta antirracista, trazendo um aporte de projetos que contemplavam a questão racial. Eu sou autora da primeira Lei que criou o Dia Municipal de Combate à Intolerância Religiosa, que é o 21 de janeiro. E essa Lei foi em função de que perdemos lá em Salvador uma ialorixá, mãe Gilda de Ogum, vítima de uma situação de intolerância feito por igrejas pentecostais que invadiram o terreiro dela e botaram a imagem dela na primeira página de um jornal, que foi o jornal a *Folha Universal*, a demonizando. Então ela ficou muito mal de saúde e depois teve uma parada cardíaca e veio a falecer. Então essa Lei celebra a memória de mãe Gilda e a luta contra a intolerância. E foi muito bem recebida. Inclusive nós encaminhamos uma cópia da Lei que se tornou projeto também e está tramitando hoje no Congresso Nacional. A ideia é nacionalizar esse projeto, espero que um dia ele seja aprovado, e foi fruto de nosso mandato lá como vereadora. E a celebração também da renascença africana no 25 de maio, dia da África. Então nós levamos o embaixador de Gana para celebrar os 40 anos da UA, da União Africana e debater com a sociedade o que significa uma ação solidária do Estado brasileiro com o continente africano. Então nós tivemos



discussões maravilhosas, muito profícuas e com a Câmara cheia de gente, superlotada de gente. Foi interessante porque no dia que eu dei entrada no projeto de Lei para a votação da celebração, da realização de uma sessão especial sobre o Dia da África, os funcionários que receberam acharam estranho: “Tem até dia da África? Essa vereadora, que não sei o quê... Quer transformar a Câmara em quê? Até dia da África ela já inventou”. Um total desconhecimento dos próprios funcionários do Legislativo da cidade. E quando a sessão aconteceu, que eles viram a Câmara tomada por aquela multidão, que tiveram que, às pressas, botar mais assentos, cadeiras para acomodar as pessoas, foi interessante os cumprimentos dos funcionários da Câmara depois, de que nunca imaginaram que tinha um dia dedicado à África e que a Câmara pudesse ser palco de uma sessão tão emocionante quanto aquela. Então nós fizemos nos dois anos de mandato essas sessões especiais; depois levamos o embaixador da África do Sul. E enfim, fazendo a formação do nosso povo sobre a importância da renascença africana. Posteriormente, uma série de projetos também prevendo destinação de recursos para políticas públicas de promoção da igualdade racial, projetos de irmandade entre Salvador e Luanda, já que Luanda tem essa carga tão... é uma das responsáveis pelas marcas que Salvador tem, melhor dizendo. São muito semelhantes uma cidade com a outra, e foi da minha autoria o projeto de irmandade Salvador-Luanda. Em dois anos, portanto, nós tivemos uma ação que nos deixou com uma marca muito singular e respeitada por todas as forças políticas, todas elas. A luta em defesa dos direitos das mulheres negras, a luta em relação aos idosos, aos direitos dos idosos, sempre transversalizada com a questão racial, jamais perdendo de vista a perspectiva racial. E aí isso fez com que, nas eleições agora de 2004, eu tivesse sido eleita a mais votada da Frente, uma Frente composta por diversos partidos: PT, PC do B, com diversas candidaturas de outras áreas, movimento sindical... candidaturas fortíssimas do movimento sindical, da área de saúde, da área de educação, enfim, que tinham uma base social que todos diziam: “Você está eleito... Fulano vai explodir de votos...” E no final das contas a minha candidatura foi a mais votada. E era uma candidatura que não tinha financiamentos de empresas, o aporte financeiro foi muito focalizado ainda nos recursos partidários e enfim, de pequenas doações. E a gente conseguiu, pela grandeza que foi o nosso mandato, mandato coletivo, muito bem sustentado pelo movimento negro e as diferentes organizações, nós conseguimos ter esse desempenho eleitoral e em seguida eu fui indicada pelo meu partido como o nome do PC do B para ocupar a Secretaria de Educação da cidade de Salvador. O que foi de pronto aceito pelo prefeito João Henrique, em uma composição de 15 partidos, é bom que se diga, já no segundo

turno. No primeiro turno nós apoiamos a candidatura do Partido dos Trabalhadores, o deputado Nelson Pelegrino, que foi candidato a prefeito de Salvador. Tínhamos uma agenda, uma plataforma política que nos uniu, PC do B, PV, PT, mais aí no segundo turno nós prestamos apoio à candidatura do prefeito João Henrique, do candidato João Henrique, e conseguimos reunir em torno disso 15 partidos. E na hora, depois da eleição, na hora de definir os cargos, alguns diziam assim: “Você vai ser a secretária da Reparação?” É claro que teria muita honra de ser a secretária da Reparação, mas tenho o entendimento de que nós negros não estamos vocacionados apenas a cuidar das pastas que digam respeito exclusivamente à abordagem da questão racial. O Estado e os partidos políticos precisam entender que a pasta da Economia, a pasta da Educação, da Saúde, do Planejamento, existe uma série de quadros negros capazes de desempenhar com competência a condução dessas estruturas. Então nós aceitamos esse desafio. É a primeira experiência no Executivo, depois de uma experiência também pequena no Legislativo, apenas dois anos de mandato de vereadora, mas nós assumimos com muito afincamento a experiência de ser secretária de Educação do município de Salvador. E estamos a seis meses desempenhando esse papel com uma série de projetos. Dia 25 de maio nós fizemos mais uma vez a celebração do Dia da África, agora na condição de secretária de Educação, lançando a Lei 10.639 para todas as escolas da rede, reunindo todos os diretores, convocando à responsabilidade desses profissionais e distribuindo cópias das diretrizes para todo mundo e assumindo uma agenda de ações da Secretaria que vai culminar na consolidação da consecução da Lei na nossa rede pública de ensino de Salvador. Então um pouco essa...

V.A. – Ao longo da sua história me ocorreram algumas perguntas. Eu queria fazer essas perguntas. Em primeiro lugar, esse grupo que formou a Unegro, o Antônio, o Leo, a Cida Santos, o Nivaldino, eles todos eram da Ufba, ou de onde eles eram?

O.S. – Não.

V.A. – Como que você conheceu? A gente está interessado justamente em como se formam essas instituições que hoje são reconhecidas como representativas do movimento negro? Como que elas vão se formando em uma época... em 1988 temos a marcha contra os cem anos da abolição. Era uma época ainda de poucos recursos, que as pessoas tinham muitos sacrifícios inclusive para se reunir. A gente tem entrevistado pessoas que, nossa... para fazer uma viagem

para Brasília era um problema, para São Paulo e tal. Então a gente está mais interessado em ver quem eram essas pessoas em 1988, esse grupinho da Unegro? Essa seria uma pergunta.

O.S. – Pois é, na verdade era um grupo...

V.A. – E como você conheceu essas pessoas também? Como você entrou em contato com o movimento negro também? Pela sua história já fica claro que desde a infância, desde a época da mãe Feliciano, já está claro e a questão racial já está muito presente. Mas entre a questão racial estar presente e você passar a ser militante do movimento negro não aconteceria isso necessariamente, não é? Por que você acabou se ligando à essas pessoas e mesmo criando esse movimento?

O.S. – Bom, na verdade eu conheci as pessoas na Unegro, primeiro por que eram pessoas de classe popular mesmo, inclusive não foi fácil a criação da Unegro, não foi fácil. Enfrentamos muitas dificuldades. Ficamos durante muito tempo sem sede para reunião. Nós nos reuníamos...

V.A. – Nessa biblioteca.

O.S. – Também na Biblioteca Central dos Barris, sempre foi um espaço em que todos os grupos sociais também se reuniam para conspirar a favor do Brasil. Mas a Unegro se reunia na Biblioteca Central dos Barris, a Unegro se reunia no Sindicato dos Comerciantes, por muito tempo a gente usou as instalações do Sindicato, mas depois alguém falou: “Não dá mais para ser aqui. A gente tem que procurar um outro lugar”. Então ficamos meio nômades durante quase três anos mais ou menos, a gente ficou sem sede mesmo. Criamos a entidade mas ficamos assim só nos reunindo em lugares diferenciados. Depois que a gente conseguiu uma sede no Pelourinho. Estamos lá até hoje. Foi em 1994 que nós conseguimos essa sede.

V.A. – Na sua gestão como presidente? Você era presidente em 1994.

O.S. – Não, na verdade a sede, em 94 eu fui a presidente, mas antes de eu me tornar presidente já havia uma articulação em defesa da sede. Na realidade não foi em 94 que nós conseguimos realmente, foi em 93 na gestão do Nivaldino Félix em função de contatos e articulações do

próprio Nivaldino, do Antônio “Guti-Guti”, a gente chamava ele assim de Antônio “Guti-Guti”, era o nome de guerra dele; que a gente conseguiu a sede. Porque durante muito tempo a Unegro ficou batalhando mesmo para ter esse lugar, que é uma sede alugada até hoje no Pelourinho. E para viajar: muitas dificuldades, muitíssimas dificuldades. Eu lembro dos encontros regionais de negros Norte-Nordeste e foi nesse encontro regional de negros de Norte e Nordeste que eu conheci... eu estou com um problema de datas aqui. Eu me lembro do último encontro que aconteceu, me parece que foi no primeiro semestre de 1988. E eu fui para o Encontro, quando aconteceu no Colégio Iceia. Eu era militante do movimento estudantil, mas era mesmo ligada nas coisas do movimento negro também. Então tudo que acontecia eu ia exatamente por conta dessa comissão, desse grupo que era a Juventude Negra Universitária. Então a gente ia para tudo. Eu me lembro que teve um encontro de negros do Norte e Nordeste que eu conheci o Leo, que eu conheci Nivaldino também. E a gente foi se identificando e eu acabei topando participar da Unegro, da Comissão de Educação porque eu fazia o curso de Pedagogia. E a Unegro tinha, esse pessoal, esse grupo inicial da Unegro, tinha outras pessoas também que participavam, mas como era uma coisa muito popular, a maioria das pessoas era do bairro do Nordeste de Amarelina, que é um bairro muito precário, tínhamos poucas pessoas ou quase ninguém com nível superior, estudante universitário e tal, que pudesse também ajudar nas formulações. Então como eu fazia o curso de Pedagogia ficava todo mundo querendo que eu participasse e pudesse ajudar no trabalho educacional. E aí eu me envolvi, fui secretária, fui da Comissão de Educação da Unegro um tempo antes de me tornar presidente da entidade.

V.A. – Mas você a conhecê-los no encontro regional...

O.S. – De negros Norte e Nordeste.

V.A. – Que aconteceu em 88 em Salvador? Esse foi em Salvador?

O.S. – Foi em Salvador. Mas eu também já via, porque nos seminários, nas coisas que aconteciam do movimento negro, sempre o Leo, o Nivaldino, também participavam. Então a gente já tinha um certo vínculo de amizade. E depois surgiu essa coisa de criar uma entidade. E aí no encontro de negros a gente discutiu mais essa proposta de criação de uma entidade. Como eu não sou da linha de frente, eu não era a pessoa que diz: “Vamos embora juntar aqui

para fazer”. Eu fui alguém convidada por eles para participar. E participei, entrei e estou lá até hoje.

V.A. –E esse grupo de jovens negros, ele é anterior, não é? Como foi essa articulação dentro da Ufba?

O.S. – Isso foi muito em função de... Eu nem me lembro direito como é que a gente se reúne. A gente se encontrava muito no restaurante universitário, no RU e saíamos eu Jadir, a gente conversava muito. A gente se encontrava, na verdade, nos conselhos de entidades, porque eu era do DA, ele era também do DA de Direito e nas conversas sobre a política estudantil, volta e meia a gente conversava também sobre a nossa condição racial na universidade. E foi daí que surgiu a vontade de fazer um grupo: “Não dá para ter uma entidade, mas o que a gente pode fazer mesmo aqui? A gente pode se reunir para estudar um pouco como é que é esse negócio das relações raciais, como é que o racismo se dá, como é que a gente pode trazer esse debate para dentro da Ufba”. Porque a gente dependia muito do restaurante universitário, a gente era quem mais dependia de biblioteca, a gente não tinha em função de termos famílias mais precárias economicamente. Então a gente começou a conversar muito sobre isso. E foi muito bom. Todo mundo que participou – era um grupo pequeno de umas seis ou sete pessoas – dessa Juventude Negra Universitária, que não tem nem registro dessa experiência porque foi uma coisa assim de pouco tempo, mas que teve um resultado enorme. Alguns assumiram mesmo a militância mais fortemente no MNU, como foi o caso do Jadir, o Valdo Lumumba foi para a Steve Biko, eu fui para a Unegro, a Maíse e a Célia passaram a ser intelectuais negras. A Maíse foi da Steve Biko, depois saiu da Steve Biko, mas nunca perdeu o laço. Nós nunca voltamos a ser o que éramos antes na verdade. Aqueles encontros, aquelas discussões, eu penso que transformaram muito a nossa vida. E acho que nós fomos precursores. Realmente eu afirmo que nós fomos precursores de uma discussão muito mais avançada nesse grupo que depois criou o Senun. E que hoje nós temos um grande debate nacional sobre as cotas na universidade. O primeiro Senun aconteceu na Bahia, sediado na Universidade Federal da Bahia, na Faculdade de Arquitetura. Eu estava lá e participei inclusive de um dos grupos de debates. E aí não tem jeito, porque como eu já era da Unegro, alguns já eram do MNU e de outras entidades, houve uma disputa política entre os grupos também do movimento negro por autoria, uma disputa de espaço de afirmação... todo mundo queria ser o pai da criança, mas isso não tira o brilho dessa

construção que todos nós, de alguma maneira, deixamos nossas digitais nelas. Eu me lembro também de um discurso que eu fiz no Senun...

[FINAL DA FITA 1 – B]

V.A. – ...Cenun, aliás, eu queria te perguntar: esse CE quer dizer o quê?

O.S. – Foi o Seminário Nacional de Universitários Negros.

V.A. – Senun é com “S”, Seminário Nacional de Universitários Negros. Você estava falando do seu discurso pela unidade. Talvez fosse interessante você recuperar porque o gravador parou na hora que você estava comentando que você fez um discurso naquela ocasião em 91 pela unidade, não foi isso?

O.S. – Exatamente.

V.A. – E a pergunta que eu teria para fazer é que a gente tem entrevistado algumas pessoas, aliás não muitas, que têm uma militância também de esquerda, você se declarou comunista e faz parte do PC do B e a gente discutiu com alguns dos nossos entrevistados se a questão racial entrava na discussão dos partidos de esquerda. Porque muitas vezes essa questão também não era tocada porque a questão era de classe e não de raça. Como que você trouxe essa questão, ou se não trouxe, para o PC do B? Gostaria de saber um pouquinho sobre isso.

O.S. – Posso?

V.A. – Pode.

O.S. – Bom, primeiro em relação a essa questão do discurso pela unidade do movimento negro no Senun. Eu lembro que a professora Maria de Lourdes Siqueira estava nesse momento e me deu um abraço que foi super acolhedor, exatamente porque eu falei: “Não dá para a gente ter uma relação de autofagia. Nós precisamos mirar o nosso verdadeiro inimigo e somar esforços para derrotar esse inimigo. Essa é a estratégia”. E, portanto, o Senun era de todos nós. E falei

uma série de outras coisas, mas o ponto central era esse: manter a unidade. E foi bacana a forma também como todo o plenário respondeu assim afirmativamente aquela minha fala. E em seguida, tem uma coisa que eu acho importante também de compartilhar que foi: eu era da Faculdade de Educação e tinham três cursos que eram Licenciatura em Ciências, Educação Física e Pedagogia, e nós ajudamos a abrir todos esses diretórios acadêmicos, todos contaram com a nossa participação. E teve um feito que é um feito que eu muito me orgulho, que foi a eleição do único diretor negro da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, professor José Oliveira Arapiraca. Eu fui coordenadora da campanha dele no movimento estudantil e foi interessante porque ele me procurou. É engraçado isso, porque ele me procurou, eu não lembro se foi em 1992 essa eleição, me parece que foi em 92 ou foi em 93, uma coisa assim, e eu já não estava mais tão atuante no DA porque eu estava me preparando para me formar, para sair dali da universidade. Eu trabalhava, fazia movimento estudantil e militava, quer dizer eu trabalhava, militava e tinha que formar. Então eu me afastei um pouco do cotidiano das lutas estudantis, e ele mandou me chamar para pedir que eu entrasse na campanha dele e coordenasse a campanha dele entre os estudantes, porque ele corria o risco de perder a eleição exatamente entre os estudantes. Porque a outra candidata tinha uma ação muito sedutora entre os estudantes da escola. E ele achava que a minha participação poderia virar aquela eleição. E eu vesti a camisa de corpo e alma até porque ele tinha uma concepção política muito importante de ser defendida e era a única janela para a eleição de um diretor negro para a escola. Então eu participei, faltavam duas semanas para a eleição e a gente conseguiu realmente virar o jogo, o professor José Oliveira Arapiraca foi eleito e hoje faz parte da história, nunca mais houve outro diretor negro ou diretora na escola. Infelizmente dois anos depois ele veio a falecer surpreendentemente, foi uma morte não esperada. E nós contribuimos de alguma maneira com o seu mandato a frente da Faculdade de Educação. E em relação à minha militância partidária, eu hoje faço parte da direção máxima do PC do B, que é o Comitê Central. Eu fui eleita no congresso passado, no décimo congresso e meu mandato termina agora no décimo primeiro. E o PC do B, como qualquer outro partido no Brasil, não tem na sua agenda, não tinha na sua agenda uma discussão substantiva sobre as relações raciais. Nenhum partido brasileiro tem isso. E também a nossa militância no movimento negro contribui para que as estruturas internas dos partidos também avancem nessa direção. Então na verdade a ação militante é também uma ação de regulação das estruturas partidárias. Então eu sempre tematizo isso no meu partido, no PC do B. Agora o Partido acabou de lançar um documento que é uma posição, pela primeira

vez na sua história de oitenta e tantos anos, uma posição sobre as relações raciais. Isso foi um avanço importante, uma posição debatida, construída no debate conosco. Portanto, nós pautamos isso internamente no Partido e que foi votada e aprovada em uma reunião do Comitê Central. Isso nunca tinha acontecido. Então eu sou do PC do B porque acredito no socialismo, porque tenho esse entendimento de que não basta maquiagem, humanizar o capitalismo. O capitalismo é excludente em essência. Então é preciso ter um outro sistema, uma nova ordem, uma nova forma de organização econômica. Mas isso por si só não basta. E aí a minha militância no movimento negro faz com que eu possa ter um olhar mais amplo e entendendo que para construir o socialismo no Brasil o negro tem que ser sujeito dessa construção, e não alguém que vai estar apenas carregando a bandeira e distribuindo os panfletos. Nós temos que ser parte substantiva dessa construção de um novo projeto nacional. Então eu acho que é isso, a contribuição nossa é uma contribuição pequena, mas penso que somada a outras contribuições, até porque as grandes transformações são processos coletivos, não são processos individuais. Então é pensar como é que o indivíduo repercute no coletivo e como o coletivo repercute no indivíduo. Então eu tenho essa ideia, eu persigo essa ideia e acho que a Unegro consegue muito bem acalentar isso. Nós conseguimos chegar aonde chegamos entendendo que para a nossa afirmação, a nossa afirmação não se dá negando a contribuição de outros agentes, em particular de outras organizações do movimento negro. A nossa afirmação se dá entendendo o legado de cada uma dessas organizações, aprendendo com este legado e tentando dar novas contribuições. Acho que tem sido isso o nosso movimento aprendendo inclusive com Mandela, Steve Biko, tanta gente que fez a história da luta contra a discriminação racial no mundo. É isso.

V.A. – Está ótimo. Perfeito. Quer fazer mais alguma pergunta?

A.P. – Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

O.S. – Não. [riso] Eu já disse tudo...

V.A. – Está ótimo. Obrigada.

[FINAL DO DEPOIMENTO]